

Pensamento decolonial e sustentabilidade nas cidades brasileiras: uma reflexão

Pensamiento decolonial y sustentabilidad en las ciudades brasileñas: una reflexión

Sessão Temática: Ambiente construído, tecnologia e sustentabilidade

RODRIGUES, Fernanda; Mestranda; PROURB – Universidade Federal do Rio de Janeiro
fernanda.rodrigues@fau.ufrj.br

Resumo

A intenção desse trabalho é de abordar a dimensão cultural das atuais cidades brasileiras, de seu desenvolvimento, suas infraestruturas e suas perspectivas de mudança. Para tanto, é trazida à luz a questão dos pensamentos pós-coloniais e/ou decoloniais e a percepção ambiental no contexto brasileiro e, mais especificamente, carioca; abordando criticamente e traçando reflexões sobre o que tem sido feito e proposto para o ambiente urbano no que diz respeito à dimensão ambiental das cidades e como os referenciais norte americanos e europeus têm interferido na relação do brasileiro com natureza. Buscar analisar criticamente a tentativa de planejar cidades sustentáveis, resilientes e com o advento das soluções baseadas na natureza a partir de referências que possuem pouco ou nenhum rebatimento no território sulamericano.

Palavras-chave : pensamento decolonial, urbanismo sustentável, contiguidade.

Abstract

The intention of this work is to approach the cultural dimension of current Brazilian cities, their development, their infrastructure and their perspectives for change. In order to do so, the question of post-colonial and/or decolonial thoughts and the environmental perception in the Brazilian context and, more specifically, in Rio de Janeiro, are brought to light; critically approaching and outlining reflections on what has been done and proposed for the urban environment with regard to the environmental dimension of cities and how North American and European references have interfered in the Brazilian's relationship with nature. Seeking to critically analyze the attempt to plan sustainable, resilient cities and with the advent of nature-based solutions from references that have little or no impact on South American territory.

Keywords: decolonial thought, sustainable urbanism, contiguity.

1. Introdução

Buscando a definição do termo “epistemologia”, temos que trata-se da teoria do conhecimento. Que é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados, com a finalidade de determinar seus fundamentos lógicos, seu valor e sua importância objetiva. A epistemologia está preocupada em responder questões como: *Como sabemos a verdade? Como separamos as ideias verdadeiras das ideias falsas? Como adquirimos este conhecimento ou esta afirmação?* A epistemologia do desenvolvimento das cidades brasileiras é capaz de evocar, portanto, diversas reflexões acerca da produção urbana, da percepção ambiental do brasileiro e de sua relação com a dimensão ambiental.

Para tanto, foram buscadas fontes que colaborassem com a tentativa de responder às questões mencionadas anteriormente, articulando ao tema da sustentabilidade urbana, para dar base às reflexões acerca do que tem sido (re)produzido, aceito, observado, etc, no contexto do sul global, e do território nacional, mais especificamente.

2. Do colonialismo

Pode-se destacar 05 termos-chave que dão forma para a análise de Aníbal Quijano e que compõe as formas de dominação do discurso e das narrativas colonialistas: **eurocentrismo, capitalismo, modernidade, racionalidade e globalização**. Partindo desses tópicos, fala-se da criação da divisão racial, que acaba por classificar os indivíduos como superiores ou inferiores “por natureza”, estabelecendo novos eixos de dominação social, impondo ao colonizado a organização de mundo a partir da visão do colonizador (indivíduo racional) (QUIJANO, 2009). O autor fala, ainda, de três tipos de colonialidade: a **colonialidade do ser** (que envolve modos e padrões de vida), **do saber** (sobre filosofias, ideologias, arte, quem é o produtor do conhecimento correto) e **do poder** (quem está no poder, qual o perfil adequado, quem tem acesso a esse poder). A partir disso, é possível refletir sobre a centralidade histórica, cultural e identitária que se arrasta até os dias de hoje nos nossos modos de viver e de nos relacionar, das percepções do que é belo, do que é progresso, do que aprender e apreender, etc.

“O eurocentrismo levou virtualmente todo o mundo a admitir

que numa totalidade o todo tem absoluta primazia determinante sobre todas e cada uma das partes e que, portanto, há uma e só uma lógica que governa o comportamento do todo e de todas e de cada uma das parts. [...] acabou por ser admitido como uma das pedras singulares da racionalidade e que na produção do conhecimento concreto chega a ser actuado com a espontaneidade da respiração, ou seja, de maneira inquestionável” (QUIJANO, 2009 p. 83)

A partir do exposto anteriormente, podemos compreender o consumo massivo de produções intelectuais, técnicas, estéticas, culturais, etc, do norte global, uma vez que “As zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial.” (BALLESTRIN, 2013, p.100).

3. Do desenvolvimento das cidades latinoamericanas

Da leitura de *Cambios neoliberales, contradicciones y futuro incierto de las metrópolis latinoamericanas* de Emilio Pradilla Cobos (2018), optei por destacar três principais pontos. O primeiro diz respeito à industrialização e urbanização tardia iniciada na década de 40 do século XX das cidades latinoamericanas, que transformaram o continente, que era predominantemente rural, em outro dominado pelo urbano — tendo, atualmente, cerca de 80% da sua população total vivendo em centros urbanos. Tal fenômeno resultou, até fim do século passado, na formação de grandes regiões metropolitanas, aglomerados de cidades extremamente densos e precários, e na acentuação de suas contradições e conflitos (COBOS, 2018, p. 650). Desde a década de 80, entretanto, as cidades e economias latinoamericanas têm sofrido com ciclos de expansão e retração e a conseqüente desvalorização do seu potencial industrial/econômico, retornando a um cenário da história do fim do século XIX, “época de enclaves imperialistas, mineros y agrícolas” (COBOS, 2018, p. 653), onde a exploração intensa de recursos naturais, trabalhos informais, a pobreza e precarização das condições de vida, no geral, eram regra. De maneira resumida, o que se tem hoje é um continente majoritariamente urbano, que expandiu suas cidades e populações de maneira desenfreada e não planejada.

Em segundo lugar, o autor traz também a questão dos megaprojetos que agem sobretudo em territórios com certa riqueza patrimonial e histórica com o argumento da reconstrução e/ou revitalização, utilizados na tentativa de impor discursos hegemônicos e invisibilizar narrativas e memórias locais por meio da gentrificação e/ou valorização imobiliária dessas áreas, convertendo-os “en verdaderos escenarios teatrales para el disfrute de los visitantes extranjeros y la acumulación de capital del sector turístico transnacional” (COBOS, 2018, p. 658).

O terceiro ponto importante de ser mencionado é a expansão/dispersão física das grandes cidades em direção às periferias, que estabelecem barreiras físicas e subjetivas,

perpetuando a reprodução da pobreza, da desigualdade e da segregação territorial definida pelos diferentes níveis de renda, limitando/reservando somente às classes de maior poder monetário o acesso quantitativo e qualitativo às infraestruturas e serviços públicos, sociais e culturais (COBOS, 2018, p.659).

Tendo em vista esses três fatos anteriormente mencionados, é possível compreender as bases ou justificativas do que se tem atualmente nas cidades da América do Sul, cenário que acaba por se perpetuar, haja vista que a globalização age no sentido de homogeneizar e invisibilizar formal e ideologicamente as particularidades das formações sociais, econômicas e culturais dos países não-hegemônicos com base em modelos colonialistas e imperialistas.

4. Do Brasileiro

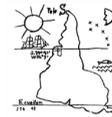
Ao focar a problemática no contexto territorial da cidade do Rio de Janeiro, deve-se ter em mente o início de sua ocupação pelo homem branco, civilizado, cristão em oposição aos povos originários do território brasileiro. Reduzindo mais ainda o panorama, tem-se a Baía de Guanabara, que contava com pelo menos 84 aldeias por volta do século XVI¹. É conhecida a relação de respeito dos povos indígenas e suas culturas com a natureza, tendo sua ação comprovadamente benéfica no sentido de preservar e/ou recuperar áreas degradadas, mas o que esperar das comunidades que as sucederam?

Em entrevista, o ambientalista e líder indígena Ailton Krenak fala da modernidade como um projeto falido², considerando que é baseado no saqueamento de recursos e na violência, no racismo e no apagamento de culturas, comunidades e vivências. Luiz Antônio Simas, por outro lado, entende a trajetória brasileira como um projeto colonial bem sucedido de exploração da terra e dos corpos, pautado no genocídio indígena e na escravização do negro³. O autor fala, ainda, de como a colonização portuguesa agia, inicialmente, no sentido de bloquear a entrada francesa no território, mas que em momento posterior busca se equiparar a Paris, para negar suas raízes africanas e ameríndias. Entretanto, ao desqualificar os saberes que não têm viés eurocêntrico e impor que as boas formas e práticas no fazer arquitetônico, urbano, social e cultural são as fornecidas pelo território europeu, esquece-se que, além do perpetuar posturas racistas e violentas, tais práticas dificilmente possuem rebatimento no território brasileiro, seja pela questão do clima, da topografia, da vegetação ou do regime hidrológico, por exemplo. Tem-se, assim, as bases

¹ [Livro 'Rio antes do Rio' mostra que os cariocas originais eram tupinambás - Pensar - Estado de Minas](#)

² Fonte: Diálogos: Desafios para a decolonialidade, 2019. (20:26 min). Publicado pelo canal UnBTV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws. Acesso em ago. 2022.

³ Fonte: #35 - O visível e o invisível das ruas do Rio de Janeiro, com Luiz Antônio Simas. Entrevistado: Luiz Antônio Simas. Entrevistador: João Freitas. UrbanData-Brasil, Podcast Urbanidades, julho de 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0GUz1XAehZ3IGhTw6ux4KM?si=d9382abac2b24aec>. Acesso em: julho de 2022.



que constituíram o cenário desordenado e insustentável das cidades brasileiras nos dias atuais.

“O território carioca está cercado física e simbolicamente pela questão das águas, sendo a cidade cheia de mangues, pântanos e lagoas que cresceu entre as montanhas verdes e o mar; a partir disso, podemos retomar, por exemplo, às origens da cidade, onde temos dois atores distintos: de um lado, os povos indígenas tradicionais, que encaravam a água como bem da natureza e presente divino, e por outro lado temos o colonizador europeu, que priorizava o uso domesticado e controlado desse bem, pensamento este que é reproduzido até os dias atuais. A própria Baía de Guanabara, porta de entrada dessas pessoas e valores e cenário desses encontros (ou confrontos), já assumiu diversos papéis nesses últimos 500 anos: possível espaço de utopia, “visão de um paraíso terrestre”, a local de defesa, conquista e estratégia até por fim, a partir de meados do século XIX, tornar-se um mosaico socioeconômico, uma paisagem fragmentada (DE CARVALHO, 1996).” (RODRIGUES, 2021)

O tema das Soluções Baseadas na Natureza (SBN), apesar de ser popular nos debates atuais acerca do planejamento urbano sustentável e das emergências climáticas, não são ferramentas novas. Muito pelo contrário, trata-se de um conceito guarda-chuva — por trazer consigo outros debates que envolvem questões relativas a segurança alimentar e hídrica, redução de vulnerabilidades sociais e riscos de desastres, saúde humana, mudanças climáticas, restauração de ecossistemas e infraestruturas naturais — que apropria-se de técnicas de manejo das águas que permitem que haja mimetização e/ou resgate de processos e serviços naturais ancestrais, anteriores à ação antrópica, uma vez que utilizam-se de tipologias vegetais e minerais que permitem essa recuperação do ambiente natural. De acordo com a International Union for Conservation of Nature (IUCN)⁴, as chamadas Soluções Baseadas na Natureza podem ser definidas como “ações para proteger, gerir de forma sustentável e restaurar ecossistemas naturais ou modificados, que abordam os desafios da sociedade de forma eficaz e adaptativa, proporcionando simultaneamente o bem-estar humano e os benefícios da biodiversidade”. São sistemas apoiados na resiliência ecológica, ou seja, na capacidade que a natureza tem de se recompor, se reconstruir e de se adaptar aos consecutivos danos a ela impostos; o que demanda menos energia, menor extração de recursos e, conseqüentemente menores gastos e menor poluição, como é o caso das infraestruturas cinza, baseadas nas soluções construtivistas e invasivas de engenharia.

A colonização esvazia o outro da sua essência, uma vez que projeta e impõe em outrem os “meus” ideais do que é certo e belo, e do que “eu” julgo ser mais adequado; esforço que é de grande violência epistemológica e cultural. Anular as raízes da

⁴ Definição de Soluções Baseadas na Natureza pela IUCN, disponível no [Website da International Union for Conservation of Nature \(IUCN\)](#)

ancestralidade da cultura do povo brasileiro, é negar todo seu patrimônio sensível, afetivo e histórico, patrimônio este que é de respeito e conexão ao ambiente natural. A busca pela incorporação da dimensão ambiental ao contexto urbano, recorrendo às ferramentas baseadas na natureza é agir a partir das contiguidades (MAGALHÃES, 2005), ou seja, a partir das materialidades e subjetividades, das pré-existências ambientais e culturais reconhecidas de cada território, onde situam-se narrativas, memórias e vivências e agir no sentido de mantê-las, e não invisibilizá-las, em prol de cidades mais sustentáveis e resilientes.

5. Conclusão

Esse trabalho buscou trazer reflexões breves acerca da influência europeia no comportamento reproduzido desde o período colonial no Brasil até os dias atuais e como isso repercutiu no ideal de progresso e desenvolvimento do brasileiro/carioca e na sua relação com o ambiente natural. A colonialidade acaba agindo de maneira invisível e despercebida e, portanto, faz-se necessário o estudo e teorização multidisciplinar e multiescalar dessas relações de poder que persistiram em meio às relações atuais. Em um cenário no qual a periferia não tem legitimidade para elaborações teóricas (que são instrumentos de poder), compreende-se a raiz do que existe hoje no território sulamericano, uma vez que “O papel e a importância da teoria repousam não somente na sua capacidade explicativa mas também no seu potencial normativo.” (BALLESTRIN, 2013, p. 109).

A relevância desse debate repousa na possibilidade de que a corrente decolonial/pós-colonialista sirva de alerta para pensar criticamente a maneira que temos produzido em termos de cidade, mas que não permaneça apenas no campo da teoria e avance para prática, acolhendo as multiplicidades e riquezas de cada cultura/origem, agindo sobre o território e na (re)produção de conhecimento. De acordo com Simas, “*Decolonial é reler sabenças, encontrar, encruzilhar, encantar o que padece de desencanto, produzir afetos cruzados, temperar o tempo.*”⁵.

A água sempre foi protagonista da história da cidade do Rio de Janeiro, estando presente na formação/desenvolvimento da paisagem, do imaginário e da ocupação. A questão principal é: quão disposto o carioca está a molhar seus pés? Até quando o carioca vai continuar negando e escondendo suas raízes, maltratando suas águas e florestas, tratando sua presença nas cidades como uma fatalidade?

Referências:

⁵ Em sua página do Twitter, o autor fala de temas como decolonialidade, história, samba, dentre outros. Disponível em: https://twitter.com/simas_luiz/status/1376304849608966146, acesso em julho de 2022.

ALMANDOZ, Arturo. Entre libros de historia urbana: para una historiografía de la ciudad y el urbanismo en América Latina. Editorial Equinoccio, Universidad Simón Bolívar, Dirección de Cultura. 2008.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista brasileira de ciência política, n. 11, p. 89-117, 2013.

COBOS, Emilio Pradilla. Cambios neoliberales, contradicciones y futuro incierto de las metrópolis latinoamericanas. Cadernos Metrópole [online]. 2018, v. 20, n. 43 [Accedido 9 Mayo 2022] , pp. 649-672.

DE CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro. Baía de Guanabara: os itinerários da memória. Revista USP, n. 30, p. 156-169, 1996.

MAGALHÃES, Sergio Ferraz. Ruptura e Contiguidade: a cidade na incerteza, 2005.

MENEZES, Marat Troina, Utopias e realidades em projeto urbano: o bairro da Cidade Nova no Rio de Janeiro/ Marat Troina Menezes. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2011.

QUIJANO, Anibal. “Capítulo 2: Colonialidade do poder e classificação social”. In SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2009. pp 73-118.

RODRIGUES, Fernanda Santiago. Soluções Baseadas na Natureza e suas possíveis aplicações ao longo da Bacia do Canal do Mangue no Rio de Janeiro. Orientadora: Eloisa Carvalho de Araújo. 2021. 116p. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021.

Demais referências:

Anibal Quijano - Coloniadidade/Descolonialidade do Poder 1/5, 2011. (10:31min). Publicado pelo canal Grupo de Apoio e Reflexão ao Processo Fórum Social Mundial GRAP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sID-iPiGgmY>. Acesso em jun 2022. [e a sequência dos próximos 4 vídeos]

“A rua está espremida entre a cruz e o mercado”. Entrevistado: Luiz Antônio Simas. Entrevistador: XXXXXXXX. Estado de Minas, Podcast Pensar, novembro de 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6FOF3FI9CwEhbXBnPn0GbL?si=73d8876d654546cb>. Acesso em: julho de 2022.

Boaventura de Souza Santos. Epistemologias do Sul, 2019. (1:04:54h). Publicado pelo canal Aula Castelao Filosofia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7P4uuDkuK8&list=WL&index=11>. Acesso em jun 2022.

Culturas de Síncope. Jornal GGN, 6 jan. 2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/musica/culturas-de-sincope/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

Luciana Ballestrin - Modernidade/Colonialidade sem Imperialidade?, 2012. (19:32min). Publicado pelo canal Núcleo de Direitos Humanos - Unisinos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h6e_e272M0k. Acesso em jun 2022.

Luiz Antônio Simas. Entrevistado: Luiz Antônio Simas. Entrevistador: Chico Alves. Podcast Outro Mundo, julho de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/05CI7XZnU9S3k5YluXqPsX?si=e76c925d03cf4bf9>. Acesso em: julho de 2022.

Morte e Renascimento da Ancestralidade Indígena na Alma Brasileira, 2020. (43:29 min). Publicado pelo canal Roberto Gambini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Um1xKVmahOg>. Acesso em: julho de 2022.

#35 - O visível e o invisível das ruas do Rio de Janeiro, com Luiz Antônio Simas. Entrevistado: Luiz Antônio Simas. Entrevistador: João Freitas. UrbanData-Brasil, Podcast Urbanidades, julho de 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0GUz1XAehZ3IGhTw6ux4KM?si=d9382abac2b24aec>. Acesso em: julho de 2022.